

## NUNO ÁLVARES PEREIRA E A APOLOGIA DA CAVALARIA NA *CRÔNICA DO CONDESTÁVEL* (SÉCULO XV)

Marina Sartori Martins

Orientação: Marcella Lopes Guimarães

**PALAVRAS-CHAVE:** ideário cavaleiresco; *Crônica do Condestável*; Nuno Álvares Pereira.

Esta pesquisa histórica centra-se na análise do protagonista da *Crônica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*<sup>1</sup> de um autor anônimo do século XV, a fim de perceber quais são os elementos que, na realidade tardo medieval portuguesa, o definem como um cavaleiro modelar nesse tipo de fonte. O recorte temporal e geográfico abrange o final do século XIV e o início do século XV, na Península Ibérica, mais especificamente o reino de Portugal.

Na Idade Média a produção de obras históricas inicialmente era restrita aos clérigos, tendo o caráter monástico e conventual. Esta produção não deixou de prosperar, entretanto perdeu relativamente sua importância perante o processo de laicização que pode ser percebido com a literatura produzida nas cortes de reis e príncipes, que além de ensinar, pretendia divertir o público destes escritos, os senhores e damas que viviam nas cortes. A produção de crônicas insere-se nesse quadro de declínio da produção historiográfica em que os membros eclesiásticos exerciam papel fundamental e na promoção de uma historiografia mais “secularizada”, onde os elementos cavaleirescos predominavam.

De acordo com Saraiva e Lopes<sup>2</sup>, no Portugal do século XV a produção de obras históricas e literárias laicizadas é motivada de

---

<sup>1</sup> *Crônica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira. Por um Autor anônimo do Século XV*. Adaptação de Jaime Cortesão; ilustração de Martins Barata. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1936, 8ª ed., pp. 235.

<sup>2</sup> SARAIVA, Antônio José, LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 16ª edição. Porto: Porto Editora, 1996.

forma mais incisiva após o advento da dinastia de Avis. Observa-se um maior interesse em questões doutrinárias, morais, religiosas e políticas por parte da casa régia. Isso pode ser entendido dentro da idéia de legitimação de um governo protagonizado por uma nova dinastia, bem como pela influência de D. Filipa de Lencastre, esposa do rei D. João I, que traz de sua terra natal, a Inglaterra, orientações e idéias da literatura lá produzida. A produção de obras literárias por parte dos membros da casa régia, ou por eles solicitada, é marcada por temas morais e práticas cavaleirescas, com o intuito de oferecer à nobreza normas e modelos de conduta. Dentro desse propósito moralizante e normativo há a influência de elementos da Igreja e o predomínio da ideologia da nobreza.

As crônicas medievais se caracterizam como relatos históricos elaborados segundo a intenção do cronista e do requerente da obra, consistindo num relato do que aconteceu, cujo principal objetivo é transmitir à posterioridade a memória do que passou, sobretudo as ações memoráveis e o que era digno de ser lembrado: grandes feitos, bons exemplos, atos de príncipes e santos. As crônicas são produções literárias do gênero narrativo e por isso devemos associá-las à literatura existente na época, como as canções de gesta, os romances de cavalaria e sermões. Cientes disso, para a investigação da narrativa cronística, foi preciso entendê-la enquanto uma construção social e política, dotada de intenções e estratégias, uma expressão do imaginário da época.

A fonte histórica escolhida para o desenvolvimento do trabalho trata-se de uma crônica biográfica, a *Crônica do Condestável*, de caráter apologético ao cavaleiro Nuno Álvares Pereira (1360-1431), produzida na primeira metade do século XV, anterior a 1450.<sup>3</sup> Este relato é ordenado cronologicamente conforme a sucessão dos fatos na vida de Nuno Álvares, desde a sua iniciação como escudeiro da rainha D. Leonor até a sua entrada no convento

---

<sup>3</sup>AMADO, Teresa. Crônica do Condestabre. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. 2ª edição. Lisboa: Caminho, 1993, p. 187.

do Carmo e sua morte. O objetivo a que se propõe o cronista é perpetuar as glórias e grandes feitos do cavaleiro protagonista, de modo a que as pessoas encontrem nele um arquétipo de comportamento. Além do objetivo que o autor se propõe, na crônica nota-se também o intuito em legitimar a dinastia de Avis, pois, além de relatar a participação decisiva de Nuno Álvares na elevação do monarca D. João I, narra o desejo e o apoio do povo à causa do Mestre. Podemos pensar ainda que o relato dos grandes feitos praticados pelo herói serve para validar o poderio dos descendentes de Nuno Álvares, de modo a que as recompensas régias concedidas a ele e à sua família estejam asseguradas nas ações passadas da família.

Esta narrativa discorre em torno de um acontecimento nuclear e a sua conjuntura: a mudança social e política que encerrou a primeira dinastia portuguesa, de Borgonha, e elevou a segunda, de Avis. Isto ocorre em fins do século XIV, quando o reino de Portugal atravessou uma crise que ameaçava deixar o trono português nas mãos de Castela. É sob o comando de Nuno Álvares que as tropas portuguesas, em especial a cavalaria, alcança vitórias em batalhas, mesmo em situações adversas, como é o caso da batalha dos Atoleiros (1384), de Aljubarrota (1385) e Valverde (1385). Nestes sucessos em batalhas e reconquistas de vilas e praças portuguesas que ainda obedeciam à D. Beatriz e D. João de Castela, o cavaleiro Nuno Álvares destaca-se pelos seus feitos, pela sua habilidade em arregimentar e organizar homens, pelas táticas e estratégias por ele empregadas e, sobretudo, pelas suas ações e palavras de coragem com que exorta a sua hoste.

A ação militar da cavalaria foi de extrema importância na definição dos conflitos medievais. A cavalaria consistia num grupo de guerreiros que combatiam a cavalo, pertencentes à aristocracia, dotado de código moral e de honra próprias, cujo auge se deu do século XII ao XV no ocidente europeu.<sup>4</sup> O surgimento da cavalaria

---

<sup>4</sup> FLORI, Jean. *A Cavalaria. A Origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. Tradução: Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2005, p. 70.

está associado a elementos de cunho guerreiro e se dá quando esta detém uma técnica e tática de combate particular que a difere dos demais combatentes e que só é eficaz contra adversários que o praticam. Contudo, ela transcende os aspectos puramente militares e torna-se um ideário, assumindo conotações honoríficas, culturais e ideológicas. No século XIII o acesso a este grupo de guerreiros era permitido aos filhos de cavaleiros e aos donos de terras considerados nobres, adquirindo assim um *status* que vinculava a “nova” instituição à nobreza.

Pouco a pouco a cavalaria ganha destaque e passa a ter laços estreitos com a Igreja. A função atribuída ao cavaleiro deixa de ser estritamente militar e ganha uma dimensão religiosa, a Igreja expande à cavalaria a missão que antes cabia aos reis, de proteção das igrejas, a defesa dos pobres, órfãos e fracos; a luta contra os infiéis. Dessa maneira, a Igreja tenta inserir regras e morais que “coloquem o cavaleiro a [seu] serviço e do bem”<sup>5</sup>. Essa cristianização adentra a prática e ética cavaleirescas, o cavaleiro era proibido de fazer saques ou pilhagens a lugares sagrados, deveria entender a vitória como uma vontade divina, respeitar todos aqueles que não pudessem se defender, mostrar misericórdia aos vencidos. Destacam-se também as cruzadas, que asseguraram aos cavaleiros que dela participaram o perdão por seus pecados, e a criação das ordens militares, cujo caráter era religioso e militar e tinham como objetivo defender a fé cristã e reconquistar os territórios tomados pelos muçulmanos.

Entretanto, os cavaleiros nem sempre adotaram essa ideologia cristã, a cavalaria desde seu início é fortemente marcada por elementos mundanos e por maior que tenha sido a influência da Igreja em limitar as atitudes guerreiras, ela não deixa de apresentar em sua conduta e ética valores laicos e profanos.<sup>6</sup> Seu código de valores foi também permeado de elementos laico-aristocráticos, como a busca por façanhas guerreiras, a preocupação com o nome e

---

<sup>5</sup> FLORI, Jean. *Op. cit.*, pp. 43-47.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 138.

glória, os costumes mundanos da cortesia, o amor cortesão e o desprezo pelo casamento.

Além dos elementos religiosos e militares que permeiam o ideário e a prática cavaleirescas, a cavalaria foi favorecida pela proliferação de uma literatura específica: as canções de gesta e os romances. Tal literatura caracteriza-se pela exaltação do comportamento ideal, das virtudes cavaleirescas - bravura, heroísmo, fidelidade, contribuindo para a construção de um modelo de comportamento para o homem da época.

Assim, podemos afirmar que o ideário cavaleiresco é resultante da fusão de valores religiosos, laico-aristocráticos e dos difundidos pela literatura da época. Existe, portanto, uma codificação de um conjunto de atributos e valores que representam o cavaleiro: ele deve ser justo, leal, corajoso, valente, honrado, temeroso, modelo de cristandade, reparador de injustiças, defensor dos fracos, deve desprezar a morte, desdenhar o sofrimento, repudiar o lucro, gostar de aventura e orgulhar-se do pertencimento a uma linhagem.

Na crônica observa-se que Nuno Álvares é singularizado como o melhor cavaleiro de Portugal <sup>7</sup>, quase um santo, que amava cavalgar, montar, ouvir e ler justamente histórias da Távola Redonda. Os valores que caracterizam este cavaleiro vão ao encontro dos implicados no ideal cavaleiresco da época, o que implica na caracterização do protagonista como um guerreiro herói e santo. O cavaleiro é exaltado como grande chefe militar, seu comando baseava-se na franqueza, lealdade ao rei, amor ao torrão nativo e autoridade do exemplo. Em vários momentos da crônica o condestável aparece convencendo os seus soldados a irem à batalha sem medo, fornecendo palavras de ânimo e coragem, como nos informa a narrativa cronística: “(...) voltou atrás e começou de animar com gesto alegre e boas palavras toda aquela gente, e assim

---

<sup>7</sup> Crônica do Condestável de Portugal. *Op. Cit.*, p. 15.

os fez avançar”<sup>8</sup>; “Eh! Portugueses! Ter firme! Dar neles! Pelejar! Por vosso Rei e vossa terra!”<sup>9</sup>.

Concomitante às virtudes militares de Nuno Álvares, o cronista caracteriza o protagonista por seus valores humanos e cristãos, destacando a sua religiosidade no cumprimento dos deveres cristãos, como ir a missa, rezar, pagar o dízimo, dar esmola, fazer romarias<sup>10</sup>. Acrescem-se ao perfil a misericórdia e a piedade que mostra para com os vencidos, fracos e indefesos, como se pode observar nas suas ações após alguns combates em terras castelhanas: “o Condestável mandou soltar e pôr a salvo todas as mulheres castelhanas que estavam presas no seu arraial.”<sup>11</sup> No fim da vida, reparte seus domínios e títulos a seus familiares e irmãos “de profissão”, e entra para o Mosteiro do Carmo, por ele fundado, mudando o nome para frade Nuno de Santa Maria, dedicando seus últimos dias à Igreja e a ajudar os mais pobres.

O relato desse cavaleiro honrado, justo, herói, que ama e protege o reino de Portugal, um modelo de servidão a Deus, pode ser entendido como uma forma de prescrever como deveria ser um português ideal da época, apoiador do rei e convicto de sua participação na condução do corpo político, um cristão devoto, além de cabeça de uma das casas mais importantes do reino, a casa de Bragança.

---

<sup>8</sup> *Idem*, p. 178.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 160.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 151 - 205.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 208.